

Psicopedagogia, uma Terceira Opção

*Amélia Domingues de Castro**

“Toda evolução e toda aprendizagem exigem a passagem pelo terceiro lugar. De modo que o conhecimento, pensamento ou invenção, não cessa de passar de terceiro em terceiro lugar, expondo-se, pois, sempre, assim como aquele que conhece, pensa ou inventa torna-se logo um terceiro que passa. Nem posto, nem oposto, sempre exposto” (Serres, 1991: p. 34).

Um congresso¹ que aproximou a Psicologia e a Educação foi oportunidade para a focalização de uma das formas de confluência desses dois campos de estudo e pesquisa, a PSICOPEDAGOGIA. O termo é controverso, não obstante possa designar, com propriedade, parte apreciável da atual produção de pesquisa interdisciplinar proveniente de dupla raiz: da Psicologia e da Pedagogia.

Antes que se discuta a Psicopedagogia como objeto de estudos, e se procure esclarecer suas características e condições, convém seja afirmada sua própria existência. Ora, essa pode ser constatada em trabalhos para mestrado e doutorado, em simpósios, congressos e outros encontros de educadores e/ou psicólogos, e em artigos e relatórios de pesquisa das universidades brasileiras. São trabalhos que, sem pertencer por inteiro seja à Pedagogia seja à Psicologia, poderiam ser reclamados pelas duas ciências, devem tanto a uma quanto à outra e são subsidiários de ambas, embora não constituam simples agregado de uma e outra, já que assumem identidade própria. Os tra-

balhos aos quais me refiro provêm de Institutos, Faculdades ou Departamentos de Pedagogia ou de Psicologia. Podem mesmo ter origem em Institutos que participam da formação de especialistas em Ciências ou Letras, quando se interessam por Educação.

¹ Uma versão resumida deste trabalho foi apresentada pela autora no I Simpósio — UNESP — de Psicologia e Educação, realizado na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília, São Paulo, em 31 de outubro de 1991.

Estatuto da Pedagogia

A discussão da Psicopedagogia deve, no entanto, iniciar-se pelo exame do próprio estatuto da Pedagogia. Há um motivo relevante para que assim se proceda, já que a Pedagogia, na relação dupla, tem sido interpretada como parte subordinada. A visão inicial, comum, não-refletida, do conjunto não tem sido a de duas áreas situadas no mesmo nível, mas uma visão de dependência, uma simples aplicação da Psicologia à Educação. É como se a Pedagogia abandonasse o campo exclusivamente à Psicologia e dela se tornasse subsidiária.

Essa interpretação da Pedagogia dependente é reforçada por afirmações como a que segue:

* Professora Titular aposentada da Faculdade de Educação da UNICAMP. Atual Professora Convidada da mesma instituição.

“... uma das razões pelas quais a pedagogia ou a ciência da educação não chega a estabelecer sua credibilidade e a inscrever-se numa ‘linha-gem’ científica é que ela não é feita por educadores mas por especialistas em outras disciplinas científicas (filosofia, psicologia, sociologia etc.) que freqüentemente não têm contacto algum com a prática educativa” (Garrido, 1989: p. 391).

Como exemplo da citada afirmação é comum alinhar-se os nomes dos grandes pedagogos que se encontram nesse caso. Comênio, por exemplo, que era um sacerdote, mas que se tornou conhecido por sua luta pela Educação e suas obras didáticas. Acusa-se Rousseau de uma contradição: escreveu sobre Educação, mas não quis educar seus próprios filhos. Contudo, o filósofo pertenceu a uma geração “enciclopedista” que não se limitava a um só motivo em suas reflexões, e o tema do *Émile* foi uma apenas entre suas preocupações. Maria Montessori e Ovídio Decroly, médicos, não são lembrados pelo exercício da Medicina, mas como criadores de novos métodos de ensino. São citados como estranhos à área também psicólogos, precursores da Psicopedagogia, como Claparède, Bovet e mesmo Dewey, também filósofo da Educação (Débesse, 1960: pp. 772/774). Que poder de atração têm as atividades educacionais, para transformar em pedagogos ou trabalhadores da Educação tantas personalidades ilustres, provenientes de outras profissões?

A Pedagogia, como a conhecemos, é um campo de estudos recente. Até o século XIX faltaram condições para a aproximação entre Pedagogia e ciência, ou melhor, para fazer-se ciência em Pedagogia. Psicólogos como Claparède, Bovet e Dewey acreditavam nessa possibilidade. Por isso se tornaram pre-

cursores da Psicopedagogia. O educador profissional, o “mestre-escola”, atuava na realidade. Os filósofos, por sua vez, refletiam sobre o tema. Assim fizeram pensadores de todos os tempos, desde Platão e Aristóteles até Kant, passando por São Tomás ou Montaigne. Na verdade, a Pedagogia levou vinte e quatro séculos transformando o sentido do termo que a ela se refere. Deixou de designar o que fazia o pedagogo que, como escravo, ocupava-se das crianças na Grécia, para qualificar o que fazem as pessoas que refletem sobre Educação.

Estou distinguindo, neste texto, a Pedagogia, como estudo, disciplina ou ciência que trata da Educação, e sua área referencial, a ação de educar, exercida individual ou coletivamente, em todas as épocas. No entanto, essa distinção entre a ação de educar — educ/ação — exercida em nível de realidade empírica, e o estudo, a pesquisa, a reflexão, a sistematização, a crítica da atividade educativa, nem sempre é feita. O termo educação, até hoje, é muitas vezes usado em um duplo sentido: o objeto de estudo e a disciplina que o estuda. Países de língua inglesa, por exemplo, preferem denominar cursos e disciplinas usando o termo educação como substantivo ou adjetivo e evitando os derivados da palavra pedagogia. Esta, ao contrário, é amplamente adotada tanto em línguas latinas, quanto na Alemanha.

Uma última observação sobre essa questão terminológica. Deve-se consignar as dificuldades que existem para distinguir-se a Pedagogia e a Didática. Tantas foram que já houve quem propusesse (Otto Willmann, ao final do século XIX) uma bipartição do campo educacional entre as duas disciplinas, uma dedicada à “educação” propriamente dita — a Pedagogia — e outra à

“formação” (instrução, ensino) — que seria a Didática. Por razões que tenho esclarecido, mas que seria longo desenvolver no momento, entendo que a Didática integra o campo da Pedagogia e que toda divisão na área é prejudicial à totalidade.

Disciplinas denominadas Pedagogia participaram dos cursos de formação de professores, as Escolas Normais. Mas só vieram a qualificar cursos superiores no final do século XIX. No Brasil, a criação desses cursos foi tardia: coincidiu com a inauguração das primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no final dos anos trinta e início da década de quarenta, deste século. Na França, a Pedagogia, passando ao curso superior, como matéria de estudo, perde sua denominação original e passa a denominar-se Ciência da Educação. Como tal foi lecionada por filósofos ou sociólogos de renome, como, por exemplo, Durkheim (Best, 1988: pp. 161-170).

No Brasil, e em outros países, ainda são encontradas situações imprecisas, pois a Pedagogia às vezes é entendida como o conjunto das Ciências da Educação e outras vezes como uma dessas ciências. Ocorre, assim, que um curso de Pedagogia tenha como uma de suas disciplinas a própria Pedagogia (Dotrens et Mialaret: 1969, pp. 19-74).

Ora, a Psicologia, que no decurso do século XIX teve o desenvolvimento que todos conhecem, no caminho da independência com relação à Filosofia, da sua caracterização como ciência experimental, do desdobramento de seus campos de atuação e do surgimento de teorias e correntes, vai ser um encontro vital para a Pedagogia.

Considerando-se o avanço da Psicologia e os obstáculos ao caminho científico da Pedagogia — de um lado sufocada pela especulação teórica e de ou-

tro comprometida com uma prática empírica e repetitiva — a Psicologia parecia ser o apoio procurado, para que se tornassem possíveis a investigação e a experimentação no campo pedagógico. Best descreve, com mordacidade, o surgimento do termo Psicopedagogia, em sua primeira e parcial conotação:

“O que é científico é a Psicologia! Por que então não recorrer logo a essa ciência nascente, para fundar, racionalmente e cientificamente a Pedagogia? Desse recurso ilusório que confunde os fins da educação, o conhecimento do sujeito a educar e o domínio dos meios para educar, nascerá um termo confuso: Psicopedagogia. A Pedagogia conhece então um primeiro avatar: é reduzida a não ser senão a consequência prática ou aplicada de uma ciência que ela não é: a Psicologia” (Best, 1988: p. 162).

Pois a Educação, como objeto de estudo, ficara, até este século, avessa a um desenvolvimento dito científico. Ou seja, não era objeto de experimentação, embora fosse objeto de experiências: na verdade, todas as inovações escolares, realizadas pelos participantes dos movimentos ditos da “Escola Nova” (com essa ou outras denominações, tais como “Escola Ativa”, “Escola do Trabalho”, “Educação Progressista” etc.), de Froebel a Pestalozzi, incluindo Montessori e Decroly, Freinet e Rudolf Steiner, foram experiências escolares realizadas a partir de hipóteses pedagógicas de seus idealizadores, embora não obedecessem às normas dos experimentos científicos, dentro das idéias positivistas da época.

Quando adotado o modelo “científico”, a experimentação pedagógica toma rumos rígidos, já que seu referencial é o das ciências físicas. Veja-se, por exemplo, a atração que a Pedagogia do

início do século demonstra pelas medidas de aptidão e de rendimento escolar, os testes com amplo uso da estatística. Esta é também importante para a avaliação de aspectos políticos da Educação, como taxas de repetição, evasão e reprovação escolares. O modelo das ciências naturais é encontrado em trabalhos como os de Meumann, a respeito de problemas fisiológicos do estudante: a fadiga escolar (Meumann, 1957). As experiências pedagógicas (escolas ou classes), por sua vez, assumem a forma de “modelos exemplares” para a freqüentação de mestres ou futuros mestres. É bom lembrar que também tivemos e ainda temos, no Brasil, as escolas-modelos ou escolas de demonstração. A evolução desse tipo de trabalho levou a estudos comparativos, com relação a métodos ou materiais didáticos, variando-se um fator e deixando-se os outros constantes, como nas “outras” ciências.

Esse é um retrato muito esquemático e talvez não faça justiça aos esforços que foram, aos poucos, delineando o campo de uma Pedagogia experimental muito promissora.

A necessidade de ir além do nível da descrição e constatação, de procurar uma explicação para aquilo “que dá certo” e que “não dá certo” no ensino, teria sido o impulso que levou a Pedagogia ao encontro de outras ciências humanas, tais como a Psicologia e a Sociologia. A formulação de uma Psicopedagogia (e de uma Sociopedagogia) seria uma resposta a esse encontro ou uma resultante dele.

Estatuto da Psicopedagogia

Não descobri a data de “nascimento” do termo psicopedagogia, que a partir

das primeiras décadas deste século passa a ser encontrado como denominação de disciplinas em cursos de formação de professores, como títulos de livros ou de capítulos de livros e de artigos sobre Educação. O termo soa bem e não fere aos puristas da linguagem já que reúne componentes da mesma origem greco-latina. Seu significado, ao contrário, é, de início, impreciso. Supõe uma transposição das conclusões da Psicologia ao campo da Educação, a formação de uma Pedagogia psicológica ou Didática psicológica. Encontrei uma referência que reflete essa visão unilateral da área:

“esta ciência (a psicopedagogia) estuda o comportamento escolar do aluno, suas reações psicológicas diante do meio escolar e dos diversos acontecimentos da aprendizagem, quando está só ou em grupo” (Goudray, 1973: p. 112).

Definição de certa fluidez, já que abrange os comportamentos (psicológicos) do aluno, mas restringe o fator pedagógico ao local-escola no qual são observados. Continua-se a ter a idéia de uma Psicologia aplicada ao aluno, ao escolar. É tão difícil a real “harmonia” intercientífica, que Hernandez Ruiz, em sua obra *Psicopedagogia do Interesse*, trata separadamente do “fenômeno psíquico” e da “pedagogia do interesse”. Mais recentemente se encontra uma visão integrada do campo, na obra de Païn e Echeverria, *Psicopedagogia Operativa* que, no entanto, evita defini-lo. Trata-se de uma reunião dos propósitos e métodos de terapia psicológica e da pedagogia especial, para o tratamento de oligofrênicos (Païn, 1987).

Um entusiasta da Psicopedagogia como campo interdisciplinar, o professor argentino Jorge Visca, afirma que “anteriormente psicopedagogia signifi-

cava o conhecimento e o estudo do sujeito individual, enquanto educação significava o conhecimento da comunidade, da sociedade” (Visca, 1991: p. 14), mas que a ampliação do âmbito da Psicopedagogia ao que denomina o “macro-sistema” permite a passagem do consultório (Psicopedagogia Clínica) à pesquisa envolvendo a sociedade em geral. Seus exemplos são esclarecedores, quando se refere ao trabalho de Emilia Ferreiro como tipicamente psicopedagógico, pois pesquisa “o sujeito individual no método da escola de Genebra... para aplicar depois no macro-sistema”. Na verdade, o que faz a professora é mais do que *aplicar*, pois me parece um exemplo no qual o pedagógico e o psicológico andam juntos desde o início da pesquisa. Mas a visão de Visca sobre Psicopedagogia satisfaz à idéia que considero central, da interdisciplinaridade da área, e do duplo sentido da influência de cada componente sobre o outro.

Considero fundamental a contribuição de Jean Piaget para essa nova visão do setor em questão. Em seus escritos pedagógicos ele deixa claro que, como já demonstrara Claparède, a Pedagogia não é apenas um ramo da Psicologia, mas apresenta problemas específicos e de grande complexidade. Não há dúvida, entretanto, que a pesquisa psicológica oferece à Pedagogia importantes pontos de referência, sobretudo quando esta última “não quer limitar-se, de conformidade com o esquema positivista da ciência, a uma simples pesquisa de fatos e de leis, sem pretender explicar o que ela constata” (Piaget, 1968: p. 30). Mas se a Pedagogia experimental, diz ainda Piaget, “quer compreender o que ela faz e completar suas averiguações por meio de interpretações causais ou ‘explicações’ é evidente que precisa recorrer a uma

psicologia precisa e não àquela do senso comum” (Piaget, 1968: p. 30). Embora independente por seu objeto, argumenta o autor, a Pedagogia, sob esse ponto de vista, só poderá constituir verdadeira ciência quando ligada a pesquisas interdisciplinares, sendo que o desejado relacionamento psicopedagógico deve ser ampliado à formação dos professores. A Pedagogia cumpre, a partir dessa base comum, enfrentar seus próprios experimentos, e essa Pedagogia experimental é considerada como mais instrutiva para a Psicologia do que todas as experiências de laboratório, quando controlada por meios científicos. É preciso notar, reafirma Piaget, que:

“a Pedagogia experimental, disciplina jovem, em pleno desabrochar e que tem por objetivo verificar pela experiência as hipóteses pedagógicas de todos os gêneros e o rendimento dos métodos de educação, permanece independente da Psicologia enquanto se limita aos dados de fato e às leis mas dela depende estreitamente, (como a Medicina da Fisiologia) desde que se trate de compreendê-los e explicá-los” (Piaget, 1970: p. 131).

Na ocasião em que foram emitidas essas opiniões ainda parecia precoce a idéia de um campo interdisciplinar psicopedagógico, que até hoje não é plenamente reconhecido. No entanto, cresce a cada dia o acervo de pesquisas e reflexões que demonstram a interação entre problemas pedagógicos e teoria psicogenética. Muitos são os que continuam se referindo a aplicações ou implicações da teoria à prática educativa. Piaget mesmo afirma que as “aplicações mais importantes da Psicologia são, talvez, as que dizem respeito à educação” (Piaget, 1970: p. 131). Deve-se ter em mente, entretanto, quando se

fala em “aplicações” ou em “implicações”, que essa terminologia não tem conotação reducionista, tratando-se sobretudo de incentivar pesquisas conjuntas. É preciso não se perder de vista que a interdisciplinaridade ocorre quando duas ou mais disciplinas cooperam entre si e que essa interação resulta no enriquecimento de ambas. No caso, há, pois, reciprocidade e não alguma forma de dominância e dependência.

Potencial explicativo da Psicopedagogia

É necessário que se vá um pouco adiante na análise do problema da interdisciplinaridade, já que esta circunstância exige que a pesquisa avance na busca de estruturas mais profundas comuns aos dois campos e dos funcionamentos comuns que neles se manifestam. É quando as simples descrições e a descoberta de regularidades não são suficientes, apelando-se à necessidade das explicações que conduzem a uma compreensão ampla do campo conjugado.

A defesa dessa posição implica em um entendimento específico sobre a experimentação, ou seja, que esta não constitui uma simples constatação de fatos pela experiência, nem um intercâmbio superficial entre pesquisador e realidade física ou social. É engano supor que os fatos falam por si mesmos, já que o pesquisador não apenas interroga a realidade, mas tenta explicá-la, tenta encontrar as respostas às hipóteses propostas.

Observe-se que a palavra explicar vem de verbo latino que significa “desdobrar” e no sentido corrente já tem a conotação de um encadeamento de ra-

ciocínio que acompanha referências a eventos ou idéias. Explicar é dar razões (nível lógico) ou encontrar causas (nível de realidade), mesmo quando o pensamento científico atual não mais entende como causa uma simples ligação antecedente-conseqüente, e aproxima essa relação da idéia de função. A explicação começa, segundo Piaget, a partir do momento em que se pode extrair razões de generalizações, o que significa encontrar, entre os fatos, alguma relação, ligá-los uns aos outros por um elo de necessidade dedutiva. Nas inferências que ocorrem, poder-se-á encontrar desde o nível mais elementar da probabilidade até o caso mais elaborado de necessidade lógica, correspondente a teorias devidamente formalizadas. Quando se consegue uma explicação, em um processo de pesquisa, é que, usualmente, conseguimos inserir o explicado em uma totalidade de relações, ou seja, em uma estrutura que lhe dá sentido, e acompanhar sua formação, ou seja, sua gênese.

A explicação é exigida para o processo de compreensão, ou melhor, razões e causas de certos eventos permitem que estes sejam “a-preendidos” ou “com-preendidos”. Acentuando-se o termo *preensão* que participa das palavras acima citadas, e que significa “ato de segurar, agarrar”, vê-se que é semelhante ao ato de assimilar, e que a compreensão acompanha a explicação. Explicar, pois, é procurar razões e causas — responder aos porquês funcionais ou lógicos, mas é, ainda, atribuir significações.

“As significações resultam de uma assimilação dos objetos pelos esquemas e assim as propriedades deixam de ser ‘puros’ observáveis mas sempre dependem de uma *interpretação* dos dados” (Piaget et Garcia, 1987: p. 189).

Os autores fazem a afirmação acima, referindo-se a conclusões extraídas das pesquisas relatadas na obra citada. Entendo, entretanto, que servem muito bem para caracterizar seu próprio comportamento experimental. A reconstrução da realidade pela ciência não é simples reprodução, mas um processo de atribuir significação aos fatos, dirigido pelos instrumentos intelectuais de que dispõe o pesquisador.

Tenho acentuado, acima, exemplos da teoria de Piaget, ou em geral da Psicologia Cognitiva, para discutir a questão da explicação em Psicologia. Talvez porque, como declarou Pierre Gréco, este seja o problema principal da Psicologia Genética. Mas esse mesmo autor expande o debate anunciando uma dupla oposição: entre “explicar *ou* descrever” e entre “pesquisa das causas *ou* estabelecimento de leis”. Admite dois tipos de psicólogos que “reivindicam para sua disciplina um estatuto puramente descritivo excluindo a explicação”. Um deles, na linha positivista, estrita, abrange behavioristas como Skinner, que temem a “reintrodução na psicologia do homem interior”. A outra linha, ainda segundo Gréco, refere-se a alguns representantes da Fenomenologia ou da Psicanálise, que admitem a descrição justamente pelo motivo oposto, por seu respeito ao “homem interior”, à consciência e sua originalidade (Gréco, 1967: pp. 969 e 59).

É certo que uns e outros procuram, de algum modo, uma satisfação intelectual, que, para o Behaviorismo, seja o clássico ou moderno, encontra-se na descrição do comportamento e nas relações reconhecidas entre eventos observáveis. É o que não ocorre com a Psicanálise, que assume uma causalidade explicativa, pela via de uma construção teórica genética. As correntes fenomenológicas, por sua vez, utilizam

a descrição especialmente para conseguir obter a compreensão profunda de seu objeto de estudo. Torna-se a descrição, nessa linha, um método sério e rigoroso para possibilitar uma compreensão adequada “do homem no mundo”.

Quanto à Pedagogia, se estiver superada sua fase descritiva, ou melhor, a exclusividade de descrições destituídas de interpretação; se estiver vencido o oportunismo da busca imediata da solução de problemas, sem compreensão suficiente do processo causal que resultou nessas dificuldades, e sem explicação das transformações ocorridas; se não mais se entender que apenas o enunciado de uma generalidade seja um resultado experimental satisfatório; *então* a pesquisa em Educação poderá avançar no sentido de atingir nível teórico capaz de conclusões significativas, capazes de iluminar o nível da prática, orientando decisões.

Ora, para tanto, a pesquisa psicopedagógica tem importantes contribuições, por sua natureza interdisciplinar. É claro que não esgota o campo da Educação, mas se torna indicada e necessária sempre que se procura uma resposta a problemas pedagógicos que envolvem comportamentos estudados pela Psicologia. O simples fato de que o fenômeno educativo implica relações interpessoais já justifica o recurso à Psicologia, bem como, do ponto de vista coletivo, à Sociologia. E mais: os fatos da aprendizagem e do desenvolvimento estão subjacentes às relações pedagógicas e não podem ser explicados sem a visão psicológica complementar, em seu amplo espectro afetivo, social e cognitivo.

Não julgo que todos os problemas da Psicopedagogia estejam resolvidos, no nível teórico ou prático. Há sempre o perigo do reducionismo, de um ou de

outro lado, do psicologismo ou do pedagogismo. Existem problemas de metodologia da pesquisa, como existem questões de relevância: terão essas pesquisas maior valor no âmbito teórico-científico ou no prático e social? Mas, certamente a solução só poderá surgir do exercício adequado de pesquisas desse tipo. É interessante notar que a Prof^a Maria Aparecida Joly Gouveia, que tem investigado, com especial

competência, a pesquisa educacional no Brasil, já em 1976 declarava que o campo da Psicopedagogia era aquele que na ocasião lhe parecia apresentar as maiores probabilidades de crescimento, seja pelo número quanto pela qualidade dos trabalhos (Gouveia, 1976). Comprovando a opinião da ilustre socióloga, trataremos, em artigo próximo, de alguns exemplos recentes nessa área.

Referências bibliográficas

- BEST, F. Les avatars du mot pédagogie. *Perspectives*. UNESCO, v. XVIII, nº 2 (66), 1988.
- DÉBESSE, M. Les méthodes psychopédagogiques contemporains. In: *Traité de Psychologie Appliquée*, Paris, PUF, 1960.
- DOTTRENS et MIALRET. Le développement des sciences pédagogiques et leur état actuel. In: *Traité des Sciences Pédagogiques*, Paris, PUF, v. 1, 1969.
- GARRIDO, J. L. G. Éducation comparé et sciences de l'éducation. *Perspectives*. UNESCO, v. XIX, nº 3 (71), 1989.
- GOUDRAY, L. *Lexique des sciences de l'éducation*. Paris, ESF, 1973.
- GOUVEIA, M. A. J. A pesquisa sobre educação no Brasil: de 1970 para cá. *Cadernos de Pesquisa*, (19), dez. 1976.
- GRÉCO, P. Épistémologie de la Psychologie. In: *Logique et Connaissance Scientifique*, Dijon, Gallimard, 1967.
- HERNANDES RUIZ, S. *Psicopedagogia do Interesse*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960.
- MEUMANN, E. *Pedagogia Experimental*. 3ª ed. Buenos Aires, Losada, 1957.
- PAÏN, S. & ECHEVERRIA, H. *Psicopedagogia Operativa*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- PIAGET, J. A explicação em psicologia. In: *Tratado de Psicologia Experimental*, Rio, Forense, 1968, v. 1, cap. III.
- _____. *Educación y Instrucción*. Buenos Aires, Proteo, 1968.
- _____. *A Psicologia*. Lisboa, Bertrand, 1970.
- _____. *L'Équilibration des Structures Cognitives*. Paris, PUF, 1975.
- PIAGET, J. et GARCIA, R. *Pour une Logique des Significations*. Genève, Murionde, 1987.
- SERRES, M. *Le Tiers-Instruit*. Paris, Bourin, 1991.
- VISCA, J. *Psicopedagogia. Novas contribuições*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.

Resumo Constata-se a atual ampliação do campo da Psicopedagogia, como objeto de estudo e pesquisa. Verifica-se que esse termo representou, de início, uma posição subordinada da Pedagogia com relação à Psicologia, procurando-se hoje um estatuto de cooperação interdisciplinar entre ambas. Um pouco da história das duas áreas e do seu fecundo encontro destaca o potencial explicativo da Psicopedagogia. Discute-se a diferença entre a descrição e a explicação, distinguindo-se também a procura das causas e o estabelecimento de leis, como questões relevantes para o esclarecimento do problema da compreensão e da interpretação na pesquisa psicopedagógica. Promete-se, em um segundo artigo, a análise de exemplos brasileiros atuais.

Palavras-chaves: Psicopedagogia, pesquisa interdisciplinar, Pedagogia Experimental.

Abstract Today Psychopedagogy as a subject of study and research is widening its perspective. That concept, as it can be observed, reflected initially a subordinate position of Pedagogy to Psychology. Now there is an increasing interest in finding an interdisciplinary status of cooperative action between them. The history of the disciplines and some views of their productive merging can be of value to show the explanatory capacity of Psychopedagogy. This paper also presents the difference between description and explanation and discusses the search for causes and the establishment of laws. Such questions are relevant to throw some light on the problem of understanding and interpreting Psychopedagogy. The author promises, in a second paper, an analysis of recent Brazilian research on the field.

Descriptors: Psychopedagogy, interdisciplinary research, Experimental Pedagogy.

